

O ódio

CARMEN DA POIAN*

O texto que segue é fruto de uma entre as inúmeras apresentações realizadas durante os seminários do Grupo de Estudos de Psicanálise e Cultura do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro¹, embora datado de 2017, nos ajuda a pensar os dias atuais.

Ódio, significante forte. Infelizmente, dentro dele estamos vivendo neste início de século, tanto em nosso país como no mundo.

Tentarei abordar este tema do ponto de vista individual e social.

Do ponto de vista individual levarei em conta a reflexão estritamente freudiana sem, entretanto, entrar na questão das tópicas – embora elas aí estejam presentes. Importa dizer isto pois há outras visões, também psicanalíticas, onde a visão do ódio é bastante diferente. Do ponto de vista social, vou alargar a visão freudiana e ver o ódio ligado à intolerância, à injustiça e também à inveja. Essas características podem dar margem ao aparecimento da violência, transbordamento do excesso pulsional que ocorre quando o ódio não encontra suporte nem direção para sua força e quando a palavra que poderia dizê-lo não é dita ou não é escutada.

Vejamos como se expressa o ódio na esfera individual:

Para Freud – e isto surpreende – a primeira relação de objeto se caracteriza não pelo amor, mas pelo ódio. Ódio de que? De tudo aquilo que se oponha à satisfação que a quietude inicial proporciona. Freud chamará de ódio a intrusão do objeto exterior na consistência narcísica primária. Nes-

* Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

1. O Curso, na forma de Grupo de Estudos de Psicanálise e Cultura é ministrado há mais de 15 anos pela autora. Seus começos estão vinculados ao lançamento do livro *Formas do Vazio*, Ed. Via Lettera, 2001.

ta quietude inicial está presente uma brecha, uma falha, que aponta para a falta imposta pela necessidade de sobrevivência que, sem o fora, não seria possível. O ódio é, então, um fato da estrutura humana que, para sobreviver, precisa de algo que lhe falta. A esta falta respondemos com ódio. Portanto, “o ódio habita o humano”, como diz Jean-Pierre Lebrun em um de seus inúmeros artigos. E diz mais no seu livro *A condição humana não existe sem condições*: “não somos responsáveis pelo ódio, mas sim pelo que fazemos com ele”.

No texto de 1915, *As pulsões e seus destinos*, Freud assimila o ódio ao desprazer. Diz ele: “O ódio enquanto relação de objeto é mais antigo que o amor. Ele provém da recusa originária que o eu narcísico opõe ao mundo exterior que é pródigo em excitações. Enquanto manifestação de relação ao desprazer suscitado pelos objetos, o ódio permanece em relação íntima com as pulsões de autoconservação do ego.”

Portanto, as primeiras manifestações de ódio provêm da luta do ego por sua afirmação de vida, o que exige uma invasão perturbadora.

O que, então, podemos depreender da leitura de Freud de 1915 é que:

1) O ódio resulta primeiramente do desconforto, com o desprazer, e não com a agressividade ou com a destrutividade. Ele se liga à recusa de qualquer perturbação que interfira no silêncio originário e à sensação de insuficiência que nos leva a admitir que há um outro espaço além do nosso. A intrusão do objeto externo faz-se necessária para a sobrevivência do ego.

2) O amor nunca se transforma em ódio. O ódio tem a ver com a invasão provocada pela falta ligada à necessidade de autoconservação. O amor também tem a ver com a falta que o desejo presentifica, mas nele o objeto (idealizado ou não) é sentido como preenchedor e não como invasor. Sobre a relação do ódio com o amor, Freud dirá: “O ódio pode se misturar ao amor, mas isto devido em parte aos estados preliminares de amor, incompletamente ultrapassados”. Mais tarde isto poderá aparecer como agressividade contra o objeto ao qual se está ligado amorosamente.

Só em 1920 o ódio aparecerá em Freud como destrutividade enquanto manifestação da pulsão de morte quase pura que visa desligar ou aniquilar o objeto tanto interno quanto externo. E da mesma forma que ódio e amor coabitam no humano, pulsão de morte e pulsão de vida também o fazem,

permanecendo assim o dualismo tão grato a Freud. E é da pulsão de morte que a violência poderá aparecer.

Para Freud, tanto o Amor quanto o Ódio são forças de afirmação vital inatas, primárias, constituintes da subjetividade e são ativadas por algo externo ao próprio indivíduo. São elas que obrigam a ser.

Quando o exterior se torna excessivo em sua invasão, o ódio (da mesma forma que o amor) não consegue um lugar para sua afirmação e isto impede de ser. Ele, então, pode surgir em suas formas negativas que são destrutivas da constituição do indivíduo tais como a depressão, a melancolia, o ressentimento, a apatia ou a violência, quando este se impõe demasiadamente.

Podemos alargar a reflexão freudiana e pensar no indivíduo contemporâneo (que Freud não conheceu) mas onde sua ideia de invasão está presente, mas aqui como busca de antídotos ao desprazer através das drogas, do consumo, do gozo que, para evitar o mal-estar, destroem cada vez mais o mundo interno. Chega-se a um novo hedonismo que tenta negar o sofrimento e a morte diante de um ideal de completude onde a impotência desaparece. Tudo se passa “como se”. Busca-se um eu ideal narcísico e inacessível nos moldes do eu televisivo das celebridades que aparece sempre colado à imagem e sem palavras.

Como diz Jurandir Freire em seu livro *Violência e Psicanálise*, “o indivíduo de hoje não ama a si mesmo, mas é fascinado pela inveja e pelo ódio de si próprio, pois este não é aquilo que ele desejaria ser”.

Esta compreensão do sujeito em nossa sociedade nos leva à esfera do campo social onde a presença do outro é sentida como invasora, não se restringe à história singular, mas tem a ver com identificações e ideais coletivos, campo de princípios éticos de respeito ao Homem e à Vida (justiça, compaixão, solidariedade). Hoje prevalece a economia financeira sem limites e também o discurso da ciência e da tecnologia com sua “desmedida inflação dos possíveis” levando à deslegitimação de qualquer autoridade, seja de pais, de mestres, de professores, de representantes políticos (que muitas e muitas vezes – e é preciso ser dito – também contribuem para isto).

Neste espaço, além da grande Lei definidora do Humano e que possibilita a existência do que a Psicanálise chama de Sujeito (ou seja, a renúncia ao gozo da completude, Lei que coloca o impossível mais do que o proibido, Lei

que impõe o descolamento do real para que o desejo exista, a Lei do Pai em Freud, a entrada na linguagem em Lacan), nos deparamos com pequenas leis que são mutáveis e até mesmo modificadas em função de interesses corporativos. Essas leis podem, muitas vezes, ser ilegítimas, privilegiando alguns e não o Todo social. Neste caso, isto pode provocar rupturas onde a força do ódio transgride a fronteira da ordem e pode provocar a violência e o terror.

A presença das instituições (Família, Escola, Estado) deveria servir como impedimento ou desvio ou transformações sublimatórias da força das pulsões destrutivas. Se os limites dados por forças contrárias às forças desordenadas não foram constituídos, nem interna nem externamente, o lugar de legitimação do indivíduo pode ser desqualificado e invalidado, desaparecendo a possibilidade de sua afirmação e levando à emergência de forças transgressoras. No artigo *Dizer o Ódio*, a autora Marie-Claire Boons afirma que por essas forças o indivíduo tenta encontrar uma consistência e um lugar que não lhe foram reconhecidos, nem respeitados enquanto espaço de afirmação de um outro diferenciado. Dizer o ódio pode evitar, pelo menos, que ele se transforme em destruição.

São essas fronteiras limitadoras que parecem hoje estar em perigo. As pequenas leis que deveriam ser submetidas à grande Lei da condição humana inscrita pelo Não à fusão sujeito-objeto que leva ao gozo sem limites e que é ativada pelo Não dos pais, Não dos professores, Não das instituições sociais. Não que deveria transmitir o proibido (que tem como solo o impossível) e que muitas vezes ignora esta necessidade levando a transformações no próprio simbólico produzindo novos psiquismo. Aparecem, assim, novas constituições psíquicas, entre elas as “perversões generalizadas” das quais nos fala Lebrun, perversões não propriamente enquanto estrutura perversa, mas como modo de vida que não leva em conta impotências, limites e impossibilidades do próprio humano, buscando satisfações completas que desconhecem o lugar do outro.

Através do mito edípico (e até a concepção da pulsão de morte) Freud defendeu a possibilidade da existência harmônica da sociedade (o que não exclui forças agressivas, mas não necessariamente violentas). O princípio básico da organização social seria dado pela educação. Mas, hoje, novos fatores são apontados por vários teóricos da psicanálise como fundamentais enquanto

princípios ordenadores que possibilitam a abertura para as diferenças necessárias para que o social se constitua e a alteridade se faça presente.

Em recentes artigos, outros autores tais como Moustafa Safouan em seu recente livro *Olhar sobre a civilização edípica*, Massimo Recalcati em seu livro *O que resta do pai: a paternidade na época hipermoderna*, Michel Gauchet em *A democracia de uma crise à outra* refletem sobre a sociedade que, sem poder dispensar um princípio organizador, não vê mais lugar para o pai enquanto presença real como se dava no patriarcado, o pai enquanto papel sociológico que ocupava nos tempos freudianos. Eles apontam para o lugar da linguagem tal como desenvolveu Lacan. Mas, indo além, Lebrun vai desenvolver a importância da palavra em um sentido amplo, seja ela verbal, sonora, afetiva, enfim palavra como lugar de criação de laços. A novidade trazida nisto é a da importância da realidade das gerações precedentes, familiares ou coletivas pois são elas que transmitem este laço juntamente com seus valores. Essa transmissão se dará, para o bem ou para mal, dependendo de como as gerações anteriores foram inscritas no campo aberto do desejo ou no campo fechado do gozo.

São os que nos precedem que viveram, ou se negaram viver, a experiência da falta do real que sempre escapa, e que se constituíram como indivíduos em suas histórias individuais e sociais que irão transmitir, por seus erros e acertos, a possibilidade de sermos (ou não) sujeitos de nossas histórias com nossos lugares específicos. Pelas famílias e pela educação o que se dá, sobretudo, é o encontro de gerações, o que poderá tornar possível a interiorização da capacidade de suportar a negatividade que nos constitui e também de suportar as diferenças impostas pelo fato de não coincidirmos com o Todo. Na transmissão geracional a humanização estará sempre sendo feita (ou... desfeita).

Certamente não foi por acaso que Françoise Dolto dizia que, por exemplo, a psicose só aparece numa 3ª geração familiar. A história coletiva é também consequência do que foi bem ou mal elaborado em etapas precedentes. O que nos leva a pensar o quanto são importantes os estudos históricos das gerações e de isto também ser levado em conta nas análises individuais. Isto nos mostra o quanto a psicanálise, como todas as ciências humanas, não pode deixar de ser interdisciplinar, o que exige do analista uma formação, tal como dizia Freud, ampla.

Aquela pergunta que uma criança de oito anos fez diante da greve da polícia militar no Espírito Santo: “Quer dizer que, se não houver polícia, nós somos todos bandidos?” é muito importante para pensarmos o quanto a inscrição da interdição, transmitida pelas gerações e instituições, tem sido falha. Na falta da transmissão de freios internos, o que tem sido difícil na modernidade, as pequenas leis vêm, indevidamente, ocupar este lugar. Basta ver por exemplo a autoridade parental, que por não saber ser exercida, é transferida à autoridade da Justiça e ver o quanto o Direito tem sido chamado a ocupar um lugar que seria da própria condição humana.

Vale também notar que desta falta de freios internos pode advir algo até mais extremo do que a violência: a crueldade presente no Terror e tão bem assinalada por Derrida em seu texto *A crueldade* onde não se manifesta nenhum traço de piedade ou culpa. Crueldade, novo fenômeno de nossa cultura, que vem sendo chamada até de “pré-civilizatória”.

Bem... onde está o lugar da Psicanálise em tudo isto? É possível através de seu trabalho diminuir o excesso do ódio, a guerra, a destrutividade? Freud nos diz que o individual é sempre social e que, portanto, a Psicanálise pode, de diferentes modos, contribuir tanto para o bem do indivíduo quanto para o bem do coletivo. Mas é certo que, no final de sua vida, a vivência do Nazismo, o torna bastante pessimista quanto a isto.

Mas podemos pensar no tratamento de pacientes cuja transformação psíquica pode produzir mudanças importantes não só no indivíduo, mas também nas gerações que se formam e que transmitem seus aprendizados e seus valores. Pela psicanálise aprendemos fundamentalmente a encontrar as raízes de nossos ódios e dizê-los e também impediremos a passagem a atos de destruição, individuais ou sociais.

Por outro lado, a Psicanálise pode, fora de consultórios particulares, participar de atividades integradas a instituições e a ações sociais mostrando o quanto uma abordagem e uma escuta diferenciada podem corrigir distorções de percepções superficiais e distorcidas, ampliando a capacidade de compreensão e identificação com os muitos outros diferentes de mim, não os vendo como invasores de nosso mundo interno ou externo. Isto acontece atualmente, por exemplo, em Instituições que visam a integração dos refugiados. Ou em Escolas intervindo e mostrando a importância da transmis-

são e do lugar do mestre que precede o aluno com sua experiência e com sua formação, articulando saber e vida e firmando, assim, o lugar de uma autoridade responsável e respeitada.

Por fim, a Psicanálise pode contribuir para o pensamento crítico apontando duas inscrições da linguagem que nos tornam Humanos: a da perda do real e a da transmissão desta perda. Este pensamento independente é o que caracteriza o que a Psicanálise chama de Sujeito, este que buscamos e que faz tanta falta nos tempos atuais.

Junho de 2026

Carmen Da Poian
carmendapoian@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil